

MOURÃO, O TÉCNICO

TODOS os jornais e revistas entrevistaram Luís Carlos Prestes em sua volta à legalidade. Segunda-feira, 6, ele deu mais uma entrevista, dessa vez na TV-Rio. Terça-feira, 7, ele ia aparecer em um programa da TV-Tupi. Não apareceu. O presidente da Comissão Técnica de Rádio, general Olímpio Mourão Filho, proibiu. Sabe-se que foram igualmente proibidas entrevistas que Prestes ia dar a emissoras paulistas.

Tanto as estações de rádio como as de televisão têm concessão de canal a título precário, de maneira que basta uma palavrinha do governo para proibir qualquer coisa. Foi o medo à palavra de Carlos Lacerda que fez com que o governo mantivesse a censura ao rádio e à televisão. Agora a mesma arma é usada contra Prestes. Amanhã poderá ser usada contra qualquer outra pessoa cuja palavra possa desagradar o governo, a um de seus membros ou a qualquer general.

Não conheço esse general Mourão, técnico em censura. Nego-lhe porém, a ele, e a qualquer outra pessoa, o direito de impedir quem quer que seja de exercer um direito garantido pela Constituição, que é a livre expressão do pensamento. Não interessa a maneira pela qual o faça. Ele pode apenas «apelar» para o diretor da emissora; esse apelo será irresistível, pois se não for atendido a «Comissão Técnica» poderá agir — e a emissora sai do ar.

Ora, presidente Juscelino Kubitschek, a democracia é incompatível com essa «técnica». O senhor plantou um jequitibá para comemorar meio século da ABI e fez um discurso que não li, mas suponho que deve conter belas coisas sobre a liberdade de imprensa. Quando a Associação do Rádio fizer anos sugiro que o senhor plante um sobreiro, bela árvore que o senhor deve ter visto no campo, em Portugal. É de sua casca que se tira a cortiça, e é com cortiça que se faz rolha — a rolha que o general Mourão usa para arrolhar os «inconvenientes».

Não creio que a Nação tenha perdido muito deixando de ouvir a palavra de Luís Carlos Prestes, que depois dos 60 virou bom moço. Sei muito bem que no país de seus sonhos (de Prestes) não há liberdade de rádio, de televisão, de imprensa nem de coisa alguma. Mas por que iremos imitar o regime desse país exatamente no que ele tem de mais condenável? Enquanto se atrasam as obras da Cidade Universitária e nossos melhores cientistas e técnicos não podem se dedicar ao serviço público porque a paga é mínima — por que não nos lembramos de imitar a Rússia, que valoriza ao máximo os homens que estudam, que investigam, que ensinam, que fazem avançar a ciência e a técnica? Menos rolha, presidente — e mais livros, mais laboratórios, mais cultura!

10.4.58